

PERVERSÃO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA SOBRE AS NUANCES DOS DESEJOS DESVIANTES

Daianny Castilho Germano Terra¹

Bruno Fiuza Franco²

Ana Tereza Vasques³

RESUMO: A palavra Perversão foi utilizada em demasiados contextos, dos quais sua referência era utilizada a partir da abrangência de uma série de comportamentos sexuais que não condiziam com a aceitação da sociedade ao decorrer dos anos. Nesse sentido, perversão se confundia com comportamentos socialmente negativos. A Psicanálise, campo de saber criado por Sigmund Freud e que tem como foco os conflitos inconscientes do sujeito, ao lidar com esse fenômeno altera sua compreensão. Essa ciência faz sua concepção sobre a perversão, intitulando-a como sendo uma estrutura, de caráter psicológico. Para tanto, Freud retoma os conflitos e dinâmicas infantis, que origina e define a estrutura perversa, através de mecanismos próprios, tendo efeitos por toda a vida do sujeito, inclusive se estendendo até a vida adulta. Na compreensão freudiana, a escolha estrutural não é consciente, sendo resultado de diversos fatores que compõe a dinâmica psíquica, envolvendo as relações familiares e sociais do sujeito. Dessa forma, o conceito da palavra perversão ganha um viés psicanalítico que colaborou fortemente para a utilização do termo para além da compreensão típica de associá-la à violência ou comportamentos repreensíveis no geral, estando ligado a uma forma íntima de funcionamento psíquico. Entretanto, em muitas situações ele ainda é utilizado de forma equivocada como forma de patologizar comportamentos estigmatizados.

PALAVRAS-CHAVE: Perversão, Psicanálise, Conceito.

ABSTRACT: The word Perversion has been used in many contexts, in which its reference was based on a range of sexual behaviors that did not align with societal acceptance over the years. In that sense, perversion was often associated with socially negative behaviors. Psychoanalysis, a field of knowledge created by Sigmund Freud that focuses on the unconscious conflicts of the individual, alters its understanding when dealing with this phenomenon. This science conceives perversion as a psychological structure. Freud revisits childhood conflicts and dynamics, which give

¹ Graduada em Psicologia. Psicóloga formada pelo Centro Universitário Alfredo Nasser.

² Mestre em Psicologia. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser.

³ Mestre em Psicologia. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser.

rise to and define the perverse structure through its own mechanisms, having effects throughout the individual's life, even extending into adulthood. In Freudian understanding, the structural choice is not conscious and results from various factors that compose the psychic dynamics, involving family and social relationships. Thus, the concept of perversion acquires a psychoanalytic bias that strongly contributed to its use beyond the typical understanding of associating it with violence or reprehensible behaviors in general, being linked to an intimate form of psychic functioning. However, in many situations, it is still used erroneously as a means to pathologize stigmatized behaviors

Keywords: Perversion, Psychoanalysis, Concept.

1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho visa investigar o conceito de Perversão enquanto utilizado pelo campo psicanalítico. A sua utilização busca compreendê-la como um fenômeno de natureza psíquica. Para tanto se faz necessário a compreensão de outros conceitos utilizados pelo campo, além de compreensões de teorias exteriores à psicanálise. Com isso se objetiva apontar a construção do conceito de perversão para além da sua compreensão pelo senso comum.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo geral conceituar a perversão dentro da esfera psicanalítica. Para que seja possível compreender e discutir como tal conceito é levantado dentro desse campo de saber e quais são os meios pelos quais a perversão pode ser explicada através da mesma. Para tanto, é impossível negar que este conceito possui uma tradição anterior e posterior ao campo psicanalítico, influenciado por fatores sócio-históricos.

Como objetivos específicos, o trabalho pretende explorar a historicidade do conceito e do fenômeno perversão, buscando as primeiras aparições já registradas historicamente partindo da origem da palavra do latim até os significados mais atuais que lhe foram agregados durante seu desenvolvimento conceitual. Busca-se compreender as formas das quais a palavra foi empregada em seus contextos históricos e como a mesma foi se transformando conceitualmente ao longo dos anos. Também se pretende explorar o conceito de perversão dentro da teoria psicanalítica, que a compreende como uma estrutura psíquica, com a finalidade de interpretar e explicar os fenômenos psíquicos que sejam relacionados aos atos e pensamentos perversos. Para tanto se considera o desenvolvimento psicosssexual na infância como

elemento constitucional além de possíveis influências que estruturaram a perversão e a forma como a mesma seria manifestada.

Espera-se que através da análise conceitual da perversão dentro do contexto psicanalítico, seja possível compreender como ela se manifesta e quais as origens dessa estrutura, compreendendo os mecanismos inconscientes e sexuais que a constituí. Dessa forma, se pretende que, através desse trabalho, seja possível fornecer maiores informações a respeito da terminologia abordada, para que sirva como base de análise para trabalhos futuros e assim contribuir para novas pesquisas na teoria.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A psicanálise é uma abordagem teórica que foi fundada por Sigmund Freud, um médico neurologista, no fim do século XIX. O mesmo dedicou-se a compreender o psiquismo humano de forma que pudesse investigar componentes mentais que apareciam de forma subjacente aos sintomas subjetivos, buscando compreendê-los. (BREVIGLIERI, 2018).

A tese fundamental de Freud é de que nem tudo o que o sujeito faz está na sua consciência. O autor traz a ideia de que muitos processos mentais ocorrem no que se denomina de inconsciente (BREVIGLIERI, 2018). É notável que a base da psicanálise perpassa sob os processos psíquicos humanos que não são de fácil acesso para o sujeito, processos esses que só poderiam ser observados através de uma segunda pessoa, que aqui chamamos de analista.

Freud agrega à sua teoria métodos ainda utilizados na época, como hipnose, do qual serviria para ter acesso ao inconsciente e que serviria para tratar suas pacientes com histeria. (ZIMEMAN, 1999). Com o decorrer dos anos o médico abandona o método até então utilizado para conduzir seus tratamentos. Esse marco da psicanálise eleva à teoria a outra concepção de tratamento, segundo Zimmerman:

Muito cedo, Freud deu-se conta de que era um mau hipnotizador e por isso resolveu experimentar a possibilidade de que a 'livre associação de ideias', conseguida pelo hipnotismo, também pudesse ser obtida com as pacientes despertas. Para tanto, passou a utilizar um método coercitivo, convidando as pacientes a deitarem-se no divã ao mesmo tempo em que, com insistentes estímulos e pressionando a fronte delas com os seus dedos, obrigava-as a

associarem 'livremente' como uma tentativa de recordarem o trauma que realmente teria acontecido, mas que estaria esquecido, devido à repressão." (ZIMEMAN, 1999, p. 23).

A teoria psicanalítica provê que o indivíduo sofre influências externas vindas da civilização, e que a relação entre o sujeito e a cultura interfere na constituição do mesmo (FREUD, 1930). Portanto, considera-se que a cultura intervém nos mecanismos psíquicos do indivíduo, moldando sua singularidade enquanto parte da sociedade. Isso se dá já no desenvolvimento psicosssexual do indivíduo ainda na infância, sendo esta fase fundamental para a constituição psíquica do sujeito, uma vez que marcará a constituição da estrutura do sujeito que irá se estender até a vida adulta. (FREUD, 1901).

Pode-se considerar que, a Psicanálise possui princípios voltados para a compreensão do sujeito e atividade interpretativa, através do acesso as memórias, sentimentos e os pensamentos que regem o indivíduo. Zimerman (1999) elucida o tratamento psicanalítico da seguinte forma:

O termo "psicanálise", por sua vez, alude unicamente àquela modalidade de tratamento que se restringe aos referenciais e fundamentos da ciência psicanalítica tal como ela foi legada por Freud, isto é, o terapeuta trabalha essencialmente com a noção dos princípios e leis que regem o inconsciente dinâmico, e a prática clínica conserva uma obediência aos requisitos psicanalíticos básicos, tais como a instituição e a manutenção de um setting adequado, uma atenção prioritária na existência de um campo analítico, com as respectivas resistências, transferências, contratransferência, além de uma continuada atividade interpretativa. (ZIMERMAN, 1999, p. 32)

A psicanálise então se apresenta como uma abordagem que visa, através dos métodos investigativos e da análise das demandas do sujeito, auxiliar na compreensão e reinterpretação dos pensamentos e emoções para que se possam promover mudanças na vida do sujeito, com enfoque nos processos inconscientes que o determinam.

3. METODOLOGIA

Para este trabalho, por se caracterizar como uma pesquisa científica, definição que segundo Bastos e Keller (1999), apontam como uma abordagem metódica para investigar e interpretar dados que correspondem a pesquisa foi empregado o método de pesquisa bibliográfica. Essa metodologia se caracteriza como “(...) o exame ou consulta de livros ou documentação escrita que se faz sobre determinado assunto” (BASTOS, 1999, p. 55).

Assim, o objetivo do trabalho é realizar uma pesquisa conceitual acerca do tema abordado, com a finalidade de analisar e compreender a natureza do significado do conceito de Perversão, bem como explorar sua inter-relação entre o viés de uma perspectiva teórica psicanalítica e o desenvolvimento do termo até os dias atuais. A construção do trabalho tem o intuito de aprimorar o estudo das perversões, para que seja possível clarificar possíveis ambiguidades ou contradições que a cercam dentro dos demais contextos onde se é empregado.

Será realizado um levantamento de dados literários acerca do conceito de perversão desde os primórdios da utilização do termo até os dias atuais e de sua descrição dentro da psicanálise, utilizando para este fim livros e artigos científicos. Serão analisadas as informações coletadas e então, delimitar o termo dentro da perspectiva psicanalítica para uma melhor compreensão do conceito na teoria, desdobrando uma explicação mais clara e as possíveis dúvidas a respeito do mesmo. A partir da análise, serão efetuadas interpretações sobre os aspectos relevantes, bem como uma discussão do que se foi analisado e suas implicações, para assim formular novas contribuições que possam vir servir para desenvolver novas pesquisas acerca do tema.

4. DISCUSSÃO

4.1 Aspectos históricos da Perversão

Ao longo dos anos, a palavra perversão foi utilizada em vários contextos sociais e históricos, passando por diversas definições que foram influenciadas pelas circunstâncias em que a mesma era apresentada, tais como dentro da religião, cultura ou na psiquiatria, (NETO, 1999). O termo ainda permanece multifacetado na

atualidade, possuindo múltiplos entendimentos a partir das normas sociais e culturais que influenciam diretamente o que se entende por perversão. No senso comum, ela se encontra associada à maldade e comportamentos negativos, possuindo uma ligação com o histórico da origem da palavra (CORREA, 2006). Remete-se então, ainda que de forma pejorativa associando sujeitos perversos com pessoas criminosas.

Do latim, a palavra perversão foi derivada de *pervertere*, que se refere a ação de desviar de um caminho certo, pôr se de lado, corromper, (ALVES, 2004). Percebe-se que a ideia de perversão se mantém ligada aos comportamentos negativos que fossem desviantes de um “caminho certo” ou de uma conduta moralmente adequada, trazendo consigo uma acepção sexual para o termo.

Em “*História da Sexualidade*”, Foucault (1976) traz a ideia uma perversão historicamente construída em pauta de uma moralidade influenciada pela igreja e pelo estado, onde as práticas sexuais que contrariam as leis e a moral da civilização eram consideradas perversas, como parte de uma natureza desviada. A partir dessa mesma linha de pensamento, é observável que o fenômeno da perversão é de caráter social, cultural e histórico desde sua origem, sendo estruturado pela sociedade como forma de obtenção de controle.

Na obra “*História da Loucura*” (1978), o mesmo autor traz a compreensão de que algumas sexualidades se configuram como manifestações de uma doença mental na idade clássica, sendo determinadas por um domínio ético que separa os normais dos loucos. As condenações morais e as punições para aqueles que executam práticas sexuais não permitidas eram severas. A homossexualidade e a prostituição eram ramificações dessa perversão, sendo categorizadas como práticas anormais, (FOUCAULT, 1978). Ainda sob esse regime que ditava as práticas permitidas, a religião e o Estado tratavam os indivíduos perversos por meio de condenações pautadas na infração da moral que contradizia os valores daquela sociedade.

Corrêa (2006) discute as dificuldades que os pesquisadores, tanto os pioneiros quanto os atuais, enfrentam quando se tentam buscar a compreensão da sexualidade dentro de uma sociedade limitada por juízos morais e sociais. Há sempre uma tendência para a moralidade influenciar na ciência, mesmo quando ela própria se dedica ao estudo da sexualidade. Aqui a perversão é delimitada pelas formas como a mesma é expressada, ou seja, quando essas expressões são renegadas por aqueles

que não se conformam com os mesmos. “Quando a ciência toma a temática da sexualidade, vai cair na mesma dicotomia: o que não está na norma é doença” (CORREA, 2006, p. 2).

A mudança de perspectiva para um viés psiquiátrico ocorre no surgimento da ideia de que a perversão é um fenômeno que contradiz a saúde, passando de um problema moral para um problema patológico (ALVES, 2004). O desenvolvimento do pensamento médico a respeito da saúde mental toma as perversões como distúrbios. Nessa transição o fenômeno que era de caráter moralizante passa a receber uma perspectiva voltada para a saúde.

Na psiquiatria, as perversões ganharam notoriedade na obra *Psychopathia Sexualis* publicada em 1886 pelo psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing, onde os desvios sexuais foram abordados como divididos entre normais e patológicos. Segundo, Pereira (2009, p.1) “Trata-se do primeiro levantamento sistemático e completo das diferentes formas de perturbação da vida sexual humana, encaradas a partir de então como transtornos médico-psiquiátricos”. Essa obra foi uma representação de como a medicina interpretava e descrevia sua concepção sobre o que se entendia como perversões, na transição de um viés religioso e moral para a medicina.

Ainda antes da obra de Krafft-Ebing, os parâmetros da saúde mental na medicina já abordavam a perversão, que se tornou “perversões”. Estas foram descritas como sendo comportamentos sexuais anormais. Desde 1850, as perversões foram descritas como as múltiplas práticas sexuais que não se encaixavam na “normalidade” psiquiátrica, (ROUDINESCO, 1998).

A classificação da perversão sexual na psiquiatria se transformou significativamente desde o século de XIX, até as modificações atuais. Vale ressaltar, que parte dessas práticas ganharam uma categoria específica no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)⁴, sendo abordadas como Transtornos Parafílicos. Ainda segundo a mesma autora:

A partir de meados do século XIX, o saber psiquiátrico incluiu entre as perversões práticas sexuais tão diversificadas quanto o incesto, a homossexualidade, a zoofilia, a pedofilia, a pederastia, o fetichismo, o sadomasoquismo,

⁴ O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), representa uma classificação de transtornos mentais que visa facilitar diagnósticos mais confiáveis.

o travestismo, o narcisismo, o autoerotismo, a coprofilia, a necrofilia, o exibicionismo, o voyeurismo e as mutilações sexuais, (ROUDINESCO, 1998, p. 583-584).

Segundo Alberti (2005), um exemplo sobre a perversão, ainda no século XIX, se dá no controle sobre aqueles que não se encaixavam nas sexualidades aceitas, onde a medicina ganha a função de regularizar as perversões como forma de disciplinar e resolver o mal-estar na civilização⁵, acometidos pelos padrões comportamentais e de moralidade que se encaixavam como características da insanidade. Aqueles desviantes dos padrões aceitáveis são rotulados como perversos.

Na virada do século XX, a perversidade foi abordada por Sigmund Freud como maneira de introduzir os aspectos dos comportamentos sexuais. O autor encontrava nas suas observações clínicas, comportamentos que desviam do padrão comum da satisfação sexual de seu contexto sócio-histórico. Nota-se que as sexualidades sempre estiveram como pauta caracterizadora do que se compreendia como perversão, não por acaso, nesse momento a homossexualidade até então, ainda era vista como uma perversão.

Para Freud analisar os indivíduos que apresentavam as variadas expressões de sexualidade, houve uma indispensabilidade de se estabelecer um diagnóstico diferencial para a condução da análise. Tal diagnóstico que represente a subjetividade do sujeito, ou seja, a forma como o mesmo se apresenta no mundo, assim a constituição de personalidade se molda através da organização psíquica do indivíduo, desenvolvendo então a concepção de estrutura para Freud (CHAVES, 2018). Em sua obra “Neurose, Psicose e Perversão”, escrita em 1924, o autor faz reflexões e apontamentos significativos sobre a estrutura perversa, complementando com os principais elementos que a compõe, abordando o início da sexualidade ainda na infância.

Apesar de Freud ter um histórico na neurologia e pela mesma ter sido influenciado com os métodos clínicos utilizados como instrumentos de suas pesquisas, ele considerou que as perversões sexuais possuem caráter psicológico e de

⁵ Conceito Freudiano descrito na obra “*Mal estar na civilização*” de 1930. Freud descreve como sendo sentimentos inconscientes de desconforto voltados para a relação da vida dos sujeitos na sociedade, frente ao modo civilizatório de viver e aos comportamentos restritos que não condizem com o bem estar coletivo.

desenvolvimento sexual, dos quais gerariam conflitos internos ainda na fase infantil, que sucessivamente desencadearia a estrutura clínica do sujeito. Aqui, não mais trata-se de perversões conforme a medicina implicava. Freud adota uma forma singular, chamando-a de “perversão”.

4.2 Perversão em Psicanálise

Sigmund Freud, traz a relevância da sexualidade humana para os estudos em psicanálise, em sua obra “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*” publicada em 1905. O autor aborda aspectos das práticas sexuais que estão além dos meios reprodutivos. Ele traz uma concepção erótica que tem origem no desenvolvimento na fase inicial da vida, ligado às sensações de prazer e desprazer.

Ainda nessa obra, Freud constrói as primeiras considerações sobre os atos perversos que eram considerados em seu contexto sócio-histórico, abordando algumas práticas sexuais como representações do mesmo, tais que são voltadas para os objetos de desejo. Entre estas está a homossexualidade, o hermafroditismo ou um comportamento invertido ⁶ ocasional, e para atividades sexuais não aceitas socialmente – pedofilia, zoofilia, fetichismo, necrofilia, sadismo e masoquismo (FREUD, 1905).

Para explicar como tais fenômenos podem ser interpretados dentro da lógica médica da época, o autor aborda algumas práticas sexuais como sendo decorrentes de uma condição contextual de dado momento, isto é, de uma conjuntura desprovida de componentes sexuais saudáveis. O autor também cita que algumas perversões poderiam ser patológicas quando as suas expressões estivessem relacionadas com conflitos internos não resolvidos, ou seja, condições traumáticas que influenciariam diretamente nas suas expressões sexuais anormais, afastando o indivíduo de um conteúdo sadio, (FREUD, 1905). Aqui é mencionado um elemento que o autor em obras futuras fará considerações mais elucidativas, no que diz respeito a fixação.

Freud (1905) acrescenta que independentemente da variedade das perversões e do quanto as mesmas podem ser consideradas repugnantes, as mesmas são de

⁶ Termo de utilização antiga, que era usado para referir as práticas sexuais homossexuais. (FREUD,1905)

ordem psíquica. Entende-se que os caminhos para as satisfações sexuais perversas sejam delimitados pela condição psíquica do sujeito, por mais complexa que possa ser. O autor até o presente texto, não aprofunda na constituição da manifestação dessas pulsões que levam os indivíduos a praticarem atos sexuais não aceitáveis, mas cita que a expressão das perversões tem um caráter psíquico, que está relacionado com a forma com que foi desenvolvida pela história do sujeito (FREUD, 1905). Os fortes componentes citados por ele nessa obra serviram como base para seus estudos na clínica psicanalítica anos mais tarde, fazendo elucidar a perversão de uma maneira a esclarecer como se constitui.

Como expansão da teoria psicanalítica, Freud escreveu em 1924 a obra "*Neurose, Psicose e Perversão*", do qual o mesmo pôde classificar e explorar as estruturas clínicas abordadas. Nessa obra, o autor já aborda a perversão como uma estrutura clínica que possui uma natureza de causa psicológica subjacente, onde se dá ênfase aos conflitos inconscientes que dão as condições para que a estrutura se forme.

No texto "*Bate-se numa criança: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais* (1919)", o autor traz a dimensão da fantasia. Aqui Freud observa que a origem das perversões sexuais se dá na infância, no construto da fantasia. Essa fornece prazer conforme ela é reproduzida, apesar de inicialmente passar de uma vontade da pessoa para um esforço compulsivo (FREUD, 1924). Ainda na mesma obra, Freud elucidar que a primeira manifestação dessa fantasia é dificilmente lembrada e que existe uma forte resistência por parte do analisando, uma vez que o mesmo está sujeito a sentir culpa ou vergonha devidas as referências que se faz sobre sua vida sexual precoce. A ênfase do autor sobre as punições observadas pelo indivíduo no período escolar, vindas de uma figura de autoridade, se deu no fato de explicar como as fantasias se encontram para o sujeito naquele dado momento. "No entanto, quando a criança observou, na escola, o professor batendo em outras crianças, essa vivência reativou as fantasias adormecidas – caso estivessem dormentes -, reforçou-as – caso estivessem presentes- e modificou seu conteúdo de maneira considerável" (FREUD, 1924, pg.123).

Freud considera como traço primário da perversão o surgimento de fantasias relacionadas ao autoerotismo⁷ ainda na primeira infância (FREUD, 1924). O autor faz uma insinuação às fantasias correlatarem a certo desenvolvimento sexual antecipado, porém o autor não explora qual seria esse componente que desviou de seu percurso normal, que teria então influenciado na constituição da singularidade do sujeito. Ainda sobre o percurso pelo qual correm as fantasias, Freud (1924) aponta que a perversão na infância não necessariamente pode durar toda a vida, uma vez que as mesmas passem pelo recalçamento e assim não prossigam. Caso as fantasias sigam conservadas, elas passam a ser representadas através da perversão, fetichismo e inversão. O autor reforça sobre a existência de fantasias antes das punições observadas pelos próprios sujeitos, destacando que o desenvolvimento dessa fantasia pode ser modificado, e acompanha os seguintes aspectos: relação com o autor da fantasia, objeto, conteúdo e o significado do mesmo (FREUD, 1924).

Ainda sobre o contexto de punições na escola que são observadas pelas crianças, a fantasia do sexo feminino e compreendida pelo autor como constituída por três fases, sendo que a figura do pai ganha destaque. Em Freud (1924, p.130-131), o autor cita as fases correspondentes as do sexo feminino: A primeira fase tem um caráter sádico, onde a criança que apanha não é a portadora da fantasia, assim a fantasia é terceirizada, a criança à cria através da “surra” que a outra criança leva. A segunda fase tem um caráter masoquista, aqui a criança que fantasia passa a ser a mesma que apanha pela figura paterna, ou seja, a fantasia é marcada pelo prazer e pelo significado dele. Na terceira fase é onde a figura daquele que bate pode ser substituída por uma figura semelhante à do pai e a criança que fantasia pode não mais participar da própria fantasia, sendo que aquele que apanha pode ser outras crianças, a fantasia então passa a portar uma excitação intensa, fornecedora de satisfação.

O recalçamento dessas fantasias pode ocorrer conforme o decorrer das fases do desenvolvimento da criança. Segundo o autor:

O que restou inconsciente como resultado psíquico das moções amorosas incestuosas não será mais retomado pela consciência da nova fase, e o que já tinha se tornado consciente será expulso novamente. Simultâneo a esse processo de recalçamento surge um

⁷ Termo abordado na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1905, definido como uma prática de busca de prazer voltada para o próprio corpo.

sentimento de culpa, este também de origem desconhecida, mas indubitavelmente ligado àqueles desejos incestuosos, justificado por sua permanência no inconsciente (FREUD, 1924, p.134-135).

Freud faz considerações sobre as origens da perversão que permeiam o campo dos conflitos internos do sujeito durante seu desenvolvimento, onde não apenas os componentes sexuais sejam o fator principal, mas também o complexo de Édipo⁸. De acordo com Freud (1924, p,139) “A constituição sexual anormal mostrou finalmente sua força, pressionando o complexo de Édipo em uma determinada direção, forçando-o a se tornar um fenômeno residual incomum”. O autor nesse momento faz a suposição de que o complexo de Édipo pode ser o ponto inicial das perversões, o mesmo atribui essa suposição ao que pôde ser observado em casos clínicos onde as anamneses em adultos relataram fortes ligações edipianas no início do desenvolvimento sexual do sujeito.

Ainda que a prematuridade dos componentes sexuais sejam fortes características da perversão infantil, deve-se considerar que as fantasias, quando não recalçadas, passam pelo processo de desenvolvimento da criança se estendendo até a fase adulta, onde a manifestação da perversão torna-se a fonte de energia do sujeito, e a fixação infantil permanece inconsciente (FREUD, 1924). Observa-se que as fantasias sexuais infantis podem ter uma longa duração, fazendo com que as raízes dessa perversão estejam fixadas na infância, mesmo que de forma implícita no inconsciente, determinando os percursos das satisfações sexuais na fase adulta e transparecendo nas preferências sexuais e na personalidade do indivíduo.

No texto “*Fetichismo*” escrito em 1927, o autor aborda a Perversão não mais através da perspectiva da fantasia. Freud agrega o fetichismo como a característica essencial da estrutura perversa. No primeiro momento do texto, Freud destaca que o fetiche pode ser reconhecido como sintoma, quando existe um sofrimento psicológico ali o envolvendo, pois em sua maior pluralidade o fetiche pode ser o maior canal das satisfações do indivíduo (FREUD, 1927). Mesmo que haja um reconhecimento de “anormalidade” perante o fetiche por parte da sociedade, este ainda é o provedor de satisfação.

⁸ Termo psicanalítico referente a um estágio do desenvolvimento psicosexual infantil, Freud faz a primeira apresentação desse termo na obra *Interpretação dos Sonhos* de 1900.

Para explicar a forma como o fetiche se instaura, Freud apresenta a ideia de que o fetiche é uma representação de um falo⁹ perdido na infância, ou seja, ele mantém preservado aquilo que foi perdido ou que estaria destinado ao mesmo. (FREUD, 1927). Tal ideia se passa na perspectiva dos primeiros anos da criança, onde ainda se encontra na fase da castração¹⁰. A partir disso, o autor ressalta que esse movimento de preservação de algo que supostamente seria perdido, ilustraria a recusa da realidade do sujeito, o autor diz “[...] que a percepção permaneceu e que foi empreendida uma ação muito energética para sustentar a sua recusa da realidade.” (FREUD, 1927, p.137). Percebe-se que o fetiche surge como uma forma de se chegar até aquilo que se foi perdido, elucidando uma substituição, onde ao mesmo tempo que reconhece a castração também a recusa.

O fetichista pode venerar o fetiche, por ser o provedor de sua satisfação sexual ou até mesmo o único, e é nessa ambivalência de aceitar ou não a castração que o fetichista resolve o que faz a respeito de seu fetiche, podendo mantê-lo na fantasia ou trazendo-o para a realidade, para executar e atingir sua satisfação (FREUD, 1927). Nota-se que a relação entre o sujeito e seu fetiche pode ser complexa, perante as formas de ambivalência em que a mesma se encontra.

Dado que o indivíduo pode ou não colocar seu fetiche em prática, independentemente se tal fetiche seja algo propenso a aceitação da sociedade ou não, a satisfação não aparenta ser diminuída caso haja reprovação. Pois a satisfação sexual é o objetivo do sujeito perverso, e o fetiche é o caminho para que chegue até ele, do qual o sujeito não estará disposto a abrir mão por ser sua única fonte de prazer.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de sexualidade, pautada dentro das normas sociais, cercou o que se entende por perversão durante anos e assim definindo-as como as são encontradas atualmente. Dificilmente é possível entender a perversão em sua

⁹ Termo que simboliza uma relação direta com o órgão genital masculino, marcado pela diferença sexual e a relação entre a presença e a ausência do mesmo. (BONFIM, 2021)

¹⁰ Refere-se a uma experiência infantil onde é marcada pela falta de um objeto fálico que não está suscetível a ser encontrado. Freud aborda o termo pela primeira vez em um texto publicado em 1908.

totalidade com somente as inversões sexuais, considerando que a mesma parte de ordens do psiquismo do sujeito. Pois a perversão em Psicanálise é a representação dos conflitos inconscientes do sujeito, do qual o mesmo se encontra fixado, ou seja, na teoria psicanalítica, não diz respeito somente a uma forma de expressão sexual que passa pelo julgamento moral da sociedade em questão, mas sim uma estrutura psíquica. Esta se foi desenvolvida, segundo Freud, ainda na infância do sujeito e que continuou presente até a fase adulta. Aqui a norma sexual da sociedade não intervém no nível de satisfação que o sujeito tem sob o fetiche que caracteriza sua perversão, mas considera-se que as normas sexuais presente no contexto social do indivíduo possam lhe causar angústia por desaprovação, acarretando sentimentos negativos sobre sua própria pessoa.

Para a teoria psicanalítica, ainda se tem muito a investigar sobre a estrutura perversa, pois é um campo ainda pouco explorado. Um dos elementos que levam a esse fato é os fatores clínicos já que dificilmente indivíduos com essa estrutura procuram por ajuda psicológica por razões morais ou até mesmo pela recusa de abandonar o fetiche. Nesse sentido, se faz necessário outros estudos para a expansão do fenômeno tratado no presente trabalho.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia. **A perversão, o desejo e a pulsão**. 2 ed. Fortaleza: Revista Mal-Estar e Subjetividade, 2005. v. 5.

BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente. **Aprendendo a Aprender: Introdução à Metodologia Científica**. 12. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BOMFIM, Flavia Gaze. **O conceito de falo na psicanálise... ainda?**. 12.ed. ECOS, 2021. v. 1.

BREVIGLIERI, Henrique. **O fundamento da Psicanálise: Concepções acerca do inconsciente**. Paraná: Paideia, 2018.

CHAVES, Messias Eustáquio. **Estruturas clínicas em Psicanálise: Um recorte**. Belo Horizonte: Reverso, dez 2018. v. 40. n. 76. p. 55-62. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010273952018000200007&lng=pt&nrm=iso. acesso em 08 abr. 2023.

CORREA, Carlos Pinto. **Perversão: Trajetória de um conceito**. Estud. psicanal., Belo Horizonte, n. 29, p. 83-88, set. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372006000100012&lng=pt&nrm=iso.

FOUCAULT, Michael. **A história da sexualidade: A vontade de saber**. 1973. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978

FREUD, Sigmund. **Neurose, Psicose e Perversão: Obras incompletas de Sigmund Freud**. 1856-1939. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade**, Análise Fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos. 1901-1905. São Paulo: Companhia Das Letras. 1º. Ed. v. 6, 2016.

FREUD, Sigmund. **Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia [“O caso Schereber”]**, Artigos sobre técnica e outros textos. (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização, novas conferências introdutórias e outros textos**. 1930-1936. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 18.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da Clínica Psicanalítica: Obras Incompletas de Sigmund Freud**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

NETTO, Geraldinho Alves Ferreira. **Perversões ou Perversão**. 6 ed. São Paulo: Estilos da Clínica. v. 4, p. 156-164, jul. 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571281999000100016&lng=pt&nrm=iso.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. **Krafft-Ebing, a Psychopathie Sexualis e a criação da noção médica do sadismo**. 12. ed. Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, 2009, v. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000200011>.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ZIMESMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

